

## A necrópole medieval da Casa Romana do Castro de São Domingos (Lousada)



No texto que agora se divulga, dão-se a conhecer os resultados preliminares da intervenção na necrópole identificada durante as campanhas arqueológicas realizadas no Castro de São Domingos (Lousada, Portugal) entre 2017 e 2021, no assentamento romano situado a meia encosta do monte. As escavações, enquadradas no projeto de investigação “Escavação, estudo e musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos”, permitiram identificar pelo menos dezassete sepulturas, cronologicamente enquadráveis na Alta Idade Média cuja organização, arquitetura, ausência de vestígios osteológicos, cerâmicos e outros coloca diversos desafios interpretativos que apenas posteriores campanhas poderão ajudar a aclarar.

### Texto e fotografia

Paulo Lemos - Arqueólogo. Coordenador do projeto de investigação “Escavação, estudo e musealização da Casa Romana do Castro de São Domingos”  
[paplemos@gmail.com](mailto:paplemos@gmail.com)

Manuel Nunes - Arqueólogo  
[manuel.nunes@cm-lousada.pt](mailto:manuel.nunes@cm-lousada.pt)

Bruno M. Magalhães - Arqueólogo/Antróplogo. Departamento de Ciências da Vida, Universidade de Coimbra.  
[bruno.miguel.silva.magalhaes@gmail.com](mailto:bruno.miguel.silva.magalhaes@gmail.com)

## Métodos e procedimentos

Os trabalhos arqueológicos relacionados com a necrópole medieval da Casa Romana, em Cristelos (Lousada), foram realizados entre junho de 2017 e outubro de 2021 e enquadrados nas campanhas anuais de escavação realizadas no decorrer do projeto (2017, 2018, 2020 e 2021). As ações de escavação foram efetuadas de acordo com as técnicas de escavação e registo arqueológico desenvolvidos por Edward C. Harris (1979). Os materiais provenientes da intervenção passaram por um processo faseado de tratamento que abrangeu lavagem, fotografia, desenho, marcação individual com sigla da intervenção, quadrado e UE (ex.: CD.CR.20 R21 UE 500) e, finalmente, a inventariação individual e respetiva inclusão numa base de dados.

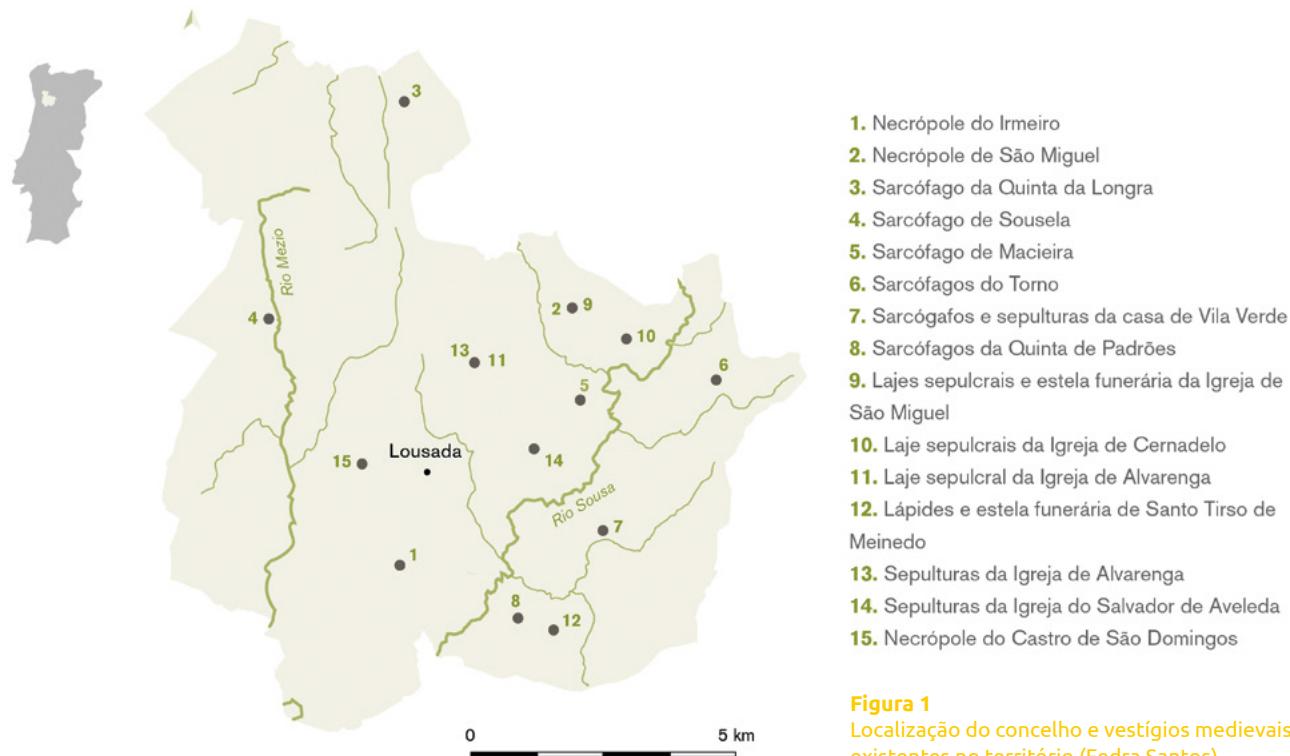
A implantação da quadrícula de escavação, em malha ordinária de 2x2 metros, obedeceu a um esquema de coordenadas alfanuméricas corrente, orientado pelos eixos noroeste-sudeste (a que foram atribuídas letras) e nordeste-sudoeste (a

que foram atribuídos números). O levantamento altimétrico do terreno e da intervenção foi realizado com base em cotas absolutas, obtidas a partir do topo do muro em blocos de cimento com cerca de 1 metro de altura, que delimita o terreno onde se implanta a Casa Romana, no seu limite nordeste, correspondente à UE 070, referenciado com a cota 260,17 metros.

## Primeiros resultados

Das 17 sepulturas identificadas foram escavadas apenas 14 (nos 1, 2, 3, 6 e 8 a 17). Do interior das sepulturas escavadas não foram encontrados ossos humanos nem espólio cerâmico associado ao defunto. As sepulturas 9 e 10 têm compleição trapezoidal que acompanharia, genericamente, a forma do corpo humano, enquanto as sepulturas 1 a 3, 6 a 8 e 11 a 17 apresentam forma subretangular. Estas últimas foram abertas diretamente no geológico natural.

A maioria das sepulturas caberia a indivíduos adultos, embo-



ra se registem pelo menos dois casos de inumação de não adultos (sepulturas 8 e 17). A seção das sepulturas intervencionadas apresenta formato retangular com fundos planos e lados paralelos erigidos com recurso a material litológico de granito e corneana de média a grande dimensão, em parte resultante do reaproveitamento de materiais de estruturas da Idade do Ferro e de época Romana. Para além disso, algumas das sepulturas registam a presença de material cerâmico de construção reaproveitado, nomeadamente *tegulae*. As sepulturas 2, 6, 12 e 13 ostentavam lajes da tampa de cobertura também em granito e corneana. Com exceção das sepulturas 12 e 13, todas as demais apresentavam sinais de violação.

Ainda uma referência para a estrutura [686], identificada no limite sudeste da área da necrópole e que se encontra a circunscrever, parcialmente as sepulturas desse setor (sepulturas 1 e 2). Este muro, de cronologia medieval, parece configurar a delimitação do espaço associado à necrópole, ainda que se tenha preservado apenas uma extensão com cerca de 4 metros de comprimento. A estrutura, orientada no sentido norte-sul, apresenta 1,70 metros de largura máxima e 0,50 metros de altura máxima e corresponde a um amontoado de pedras estru-

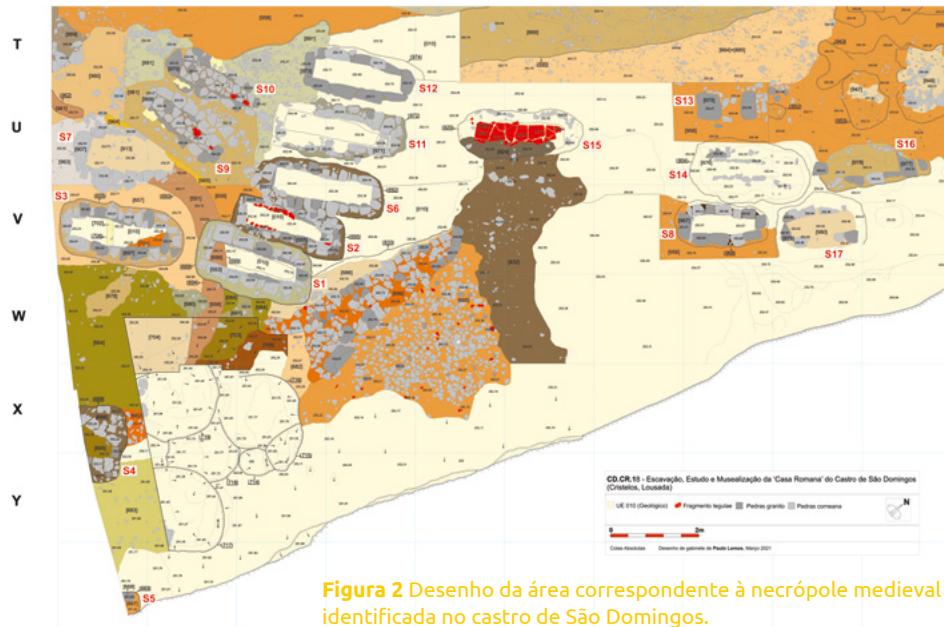


Figura 2 Desenho da área correspondente à necrópole medieval identificada no castro de São Domingos.

turadas, mas não argamassadas, com ocasionais fragmentos de *tegulae* envoltas por terras.

Os 17 sepulcros identificados na necrópole da Casa Romana distribuem-se por três fases distintas de enterramentos, evidenciando uma diacronia ocupacional relativamente ampla: Fase I (momento fundacional) - sepultura 15; Fase II (fase de ocupação plena) - sepulturas 1, 2, 3, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 16 e 17; Fase III (derradeira ocupação e abandono) - sepulturas 9 e 10.

## Discussão e conclusões

Presumivelmente de inumação individual, as sepulturas da necrópole da Casa Romana apresentam, grosso modo, uma orientação canónica (sepulturas 1 a 8, 11 a 17 com orientação sudoeste-nordeste e sepulturas 9 e 10 com orientação oeste-este), para além da ausência de oferendas e de um total anonimato, em linha com o pensamento vigente na época alto-medieval em que a conceção coletiva de destino e de espaço cemiterial sagrado relativiza o espaço sepulcral individual (Santos, 1992, p. 35; Branco e Vieira, 2008, p. 142). Para além de receberem os enterramentos, as sepulturas parecem ter sido preenchidas com sedimento, pelo que a decomposição dos tecidos moles e ósseos terá ocorrido em espaço preenchi-



Figura 3 Plano final das Sepulturas 1 e 2.

do. Os sepulcros intervencionados partilham a ausência de espólio votivo, com a exceção de uma fivela em bronze recolhido na sepultura 11, e registam uma total ausência de materiais osteológicos. A escavação revelou uma necrópole de carácter relativamente homogéneo em termos de arquitetura sepulcral e com um nível cuidado em matéria de estruturação espacial.

Não sendo manifestas, subsistem, todavia, algumas diferenças estruturais no conjunto das sepulturas estudadas o que permite uma aproximação a diferentes tipologias tendo por base a classificação proposta por Gisela Ripoll (1996). À exceção das sepulturas 4, 5 e 7, cujo enquadramento tipológico ainda não é possível aferir, registam-se tumulações enquadáveis nas seguintes tipologias definidas por Ripoll (1996, pp. 219-224) para a arquitetura funerária na Hispânia entre os séculos V e VIII: tipologia VII A (sepulturas 1, 2, 3, 6, 8, 11, 12, 13, 14, 16 e 17); tipologia VII B (Sepulturas 9 e 10); e tipologia III B (Sepultura 15).

A intervenção arqueológica atestou que as sepulturas se apresentam sequenciadas paralelamente com distâncias reduzidas entre si, tendo sido sucessivamente alinhadas, sugerindo uma organização distribuída por conjuntos o que poderá significar uma intenção de hierarquização do espaço cemiterial em



Figura 4 Plano final da Sepultura 15 onde se observa a base em *tegulae*.

função de um núcleo primordial de enterramento, seja ele associado a uma via ou a um templo. Com efeito, a proximidade de vias é por vezes apontada como condicionante para a localização e orientação de sepulturas rupestres, um pouco à semelhança das inumações em necrópole junto às vias como era uso entre os romanos. O mesmo parece acontecer ainda ao longo da Idade Média (Barroca e Morais, 1983, p. 99).

Uma das questões em aberto resultante das campanhas de escavação realizadas prende-se com o enquadramento cronológico da necrópole. Com base nas características formais de algumas das sepulturas escavadas é possível estabelecer paralelos com exemplares estudados em outras necrópoles do território nacional. É o caso dos sepulcros da necrópole de Vale de Condes, em Alcoutim (Inácio, 2010, p. 209), da necrópole de Vale dos Sinos, em Mogadouro (Lemos e Marcos, 1984), da necrópole de S. Caetano, em Chaves (Lemos, 1987), ou, em particular, das necrópoles do Laranjal de Cilhades, em Torre de Moncorvo (Santos *et al.*, 2016) e de São Miguel, em Caldas de Vizela (Queiroga, 2013, p. 186; Arezes, 2017, pp. 217-222). Esta última localizada a norte da necrópole da Casa Romana, no vizinho concelho de Vizela, apresenta uma ocupação que medeia entre o século VI e VII (Arezes, 2017, pp. 220-221). Um outro paralelo interessante pelas características tipológicas de boa parte das sepulturas escavadas é o da necrópole do Laranjal de Cilhades, em Torre de Moncorvo. Em Cilhades temos



Figura 5 Tegula com marca de oleiro proveniente da base da Sepultura 15.

um conjunto de sepulturas caracterizado como verdadeiras caixas sepulcrais, tendencialmente retangulares e/ou trapezoidais, com lajes a erigir as paredes e a cobertura que, tal como em Lousada, acompanham transversalmente o eixo maior de vários sepulcros (Santos *et al.*, 2016). Os autores enquadram cronologicamente a necrópole entre os séculos VI e XIII atribuindo, no entanto, uma cronologia mais antiga às sepulturas em caixa dentro daquele espectro cronológico.

Não obstante as múltiplas incertezas e questões colocadas pelo conjunto funerário em análise, a conjugação das características elencadas leva-nos a apontar para um conjunto de inumações entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, cronologicamente balizável entre os séculos V e VII. A sua utilização ter-se-á iniciado após o abandono do povoado, entre o século IV e V, uma vez que parte dos sepulcros afetaram realidades arqueológicas relacionadas com a Idade do Ferro. Ainda neste ponto, importa salientar a singularidade da sepultura 15 no contexto da necrópole da Casa Romana. Apesar de lhe aventarmos um caráter fundacional e, portanto, de hierarquização do espaço, tal não invalida outras hipóteses explicativas da sua peculiaridade, designadamente a possibilidade de nos encontrarmos perante uma tumulação que visa, pela diferenciação arquitetónica, a distinção social. Por outro lado, a aparente ausência de vestígios materiais de um templo agregador em torno do qual se polarize a necrópole não pode deixar de nos remeter, em hipótese, e considerando a fase atual dos trabalhos arqueológicos ainda em curso, para um contexto de tradição cemiterial em torno de uma via, possibilidade para a qual parece concorrer a pervivência, neste lugar, do topónimo “Almas”.



Figura 6 Sepultura 13 ostentando a cobertura com lajes sepulcrais.

## Bibliografia

- Arezes, A. (2017). O mundo funerário na Antiguidade Tardia em Portugal: As necrópoles dos séculos V a VIII. Vol. I, *Coleção Teses Universitárias*, n.º 9. Edições Afrontamento, Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória
- Barroca, M. J.; Morais, A.C. (1983). Sepulturas medievais na terra de Aguiar da Pena (Vila Pouca de Aguiar). *Arqueologia* (GEAP). Porto. 8, pp.92-101.
- Branco, G. e Vieira, M. A. (2008). Outeiro do Vale: sepulturas de Nogueira de Côta (Côta, Viseu). *Cuadernos De Prehistoria Y Arqueología De La Universidad Autónoma De Madrid*, 34. pp. 125-146.
- Harris, E. C. (1979). *Principios de estratigrafia arqueológica*. Barcelona: Editorial Crítica.
- Inácio, I. (2010). *Vale de Condes, Alcoutim: um sítio tardo-antigo da Diocese de Ossonoba*. Promontoria. Números 7/8, pp. 99-133.
- Lemos, F. S. (1987). A Necrópole Medieval de S. Caetano, Chaves. *Cadernos de Arqueologia*. Série II, Volume 4. Braga: Universidade do Minho, pp. 149-176.
- Lemos, F. S.; Marcos, D. (1984). A Necrópole Medieval de Vila de Sinos. *Cadernos de Arqueologia*. Série II, Volume 1. Braga: Universidade do Minho, pp. 71-89.
- Lemos, P.; Nunes, M. e Magalhães, B. (2021). A necrópole medieval da Casa Romana do Castro de São Domingos (Lousada): resultados preliminares das campanhas de escavação 2017-2021. *Oppidum - Revista de Arqueologia, História e Património*, 13, pp. 6-37.
- Queiroga, Francisco M. V. Reimão (2013). Algumas notas sobre a arqueologia da área urbana de Vizela. *Revista da Faculdade de Letras Ciências e Técnicas do Património*. Porto. Volume XII, pp. 181-201.
- Ripoll, G.L. (1996). La arquitectura funeraria de Hispania entre los siglos V y VIII: aproximación tipológica. In: *Spania. Estudios d'Antiquitat Tardana Oferts en Homenaje al Professor Pere de Palol I Salellas*. Barcelona: Abadia de Montserrat. pp. 215-224.
- Santos, A.C.C.F. (1992). Contributo para o estudo das sepulturas rupestres do monte do Senhor da Boa Morte. *CIRA: Boletim Cultural*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. 5, p.13-48.
- Santos, Filipe; Rossello, Miquel; Santos, Constança; Carvalho, Liliana; Rocha, Fabio (2016). Aspetos da Morte no Vale do Sabor. O Mobiliário Funerário Tardo Antigo das Inumações do Laranjal de Cilhades (Felgar, Torre de Moncorvo). *Achegas à Cronologia de uma necrópole de Longa Duração*. *Arqueologia Medieval*. N.º 13. Porto: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 17-33.